

O mundo do trabalho do editor de livros¹

Luciana Félix MACEDO²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

O objetivo deste artigo é refletir, a partir do binômio comunicação e trabalho, sobre os impactos das mudanças tecnológicas e novos modos de produção no cotidiano do editor de livros, e como ele influencia, gere e ressignifica essa nova realidade. Para isso, discutiremos os conceitos de *hipermediaciones*, ou “comunicação digital interativa”, e conhecimento como força produtiva direta; os fundamentos da ergologia, abordagem multidisciplinar que estuda as situações de trabalho como atividades singulares nas quais o sujeito se manifesta por inteiro, tendo Yves Schwartz como destaque; e os estudos de linguagem como prática linguageira.

Palavras-chave: editor; comunicação e trabalho; ergologia; linguagem.

Introdução

As práticas editoriais mudaram ao longo dos séculos. Do período pré-Gutenberg, quando o editor era o responsável por garantir a fidelidade das cópias manuscritas ao seu original, até os dias de hoje – em que o seu papel de mediador cultural é desafiado pela tendência à autopublicação³ e pela convergência entre os papéis de leitor, autor e editor desta “sociedade em rede” (Castells, 1999) –, vários perfis desta função nasceram, se desenvolveram ou desapareceram. Esse trabalhador da cultura vive uma realidade modificada pelas novas tecnologias da informação e comunicação, entre as quais o livro digital se destaca e, conseqüentemente, entram no debate as implicações dessas tecnologias na atividade e no cotidiano do editor.

Segundo Fígaro (2011, p. 288), “analisar a atividade de trabalho e de comunicação no contexto social e histórico em que elas se realizam é articular o micro e o macrossocial,

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). E-mail: lucianafelix@usp.br.

³ Essa tendência, contudo, não é algo recente. De acordo com Chartier (1988, p. 64 e 65), muitos autores tentaram, no século 18, se transformar em seus próprios editores. Tanto na Inglaterra, depois de 1709, quanto na França, depois de 1777, não só livreiros, mas também autores reivindicavam esse privilégio. Alguns exemplos foram Voltaire e Rousseau. O primeiro por posicionamento político, como recusa à dependência do vínculo de clientela com relação a patronos privados, particulares e aristocráticos; e o segundo, pela aspiração de tentar viver de sua própria pena.

é entender a materialidade do trabalho na construção do ser que trabalha e da sociedade em que ele se insere.”

O objetivo deste artigo é refletir, a partir do binômio comunicação e trabalho, sobre os impactos das mudanças tecnológicas e novos modos de produção no cotidiano do editor de livros, e como ele as influencia, gere e ressignifica. Para isso, discutiremos (a) os conceitos de *hipermediaciones*, ou “comunicação digital interativa”, e conhecimento como força produtiva direta; (b) os fundamentos da ergologia, abordagem multidisciplinar que estuda as situações de trabalho como atividades singulares nas quais o sujeito se manifesta por inteiro, tendo Yves Schwartz como destaque; e (c) os estudos de linguagem como prática linguageira (Nouroudine, 2002).

Um estudo ergológico no contexto da indústria editorial pode revelar questões que explicam problemas do microssocial e permitem articulações com o macrossocial. A ergologia possibilita essa articulação de modo que as questões da sociedade podem ser lidas no dia a dia da empresa, no micro da atividade, na observação de situações concretas. Em nossa pesquisa de mestrado em andamento⁴, adotamos essa perspectiva com a observação e análise das questões relativas ao **trabalho**, à **linguagem** e às três modalidades resultantes dessa relação: “linguagem **como** trabalho” (falas para si e para o outro, centradas nos desafios da realização do trabalho); “linguagem **sobre** o trabalho” (falas do trabalhador em entrevistas ou grupos de discussão, por exemplo); e, “linguagem **no** trabalho” (falas sobre assuntos não diretamente ligados à atividade, como conversas cotidianas), que serão melhor detalhadas mais adiante.

Cabe destacar que temos o binômio comunicação e trabalho por uma unidade que nos permite problematizar o papel da comunicação nas relações interpessoais, nas organizações e no conjunto da sociedade contemporânea. E o conceito de trabalho pode ser bastante ampliado quando analisado a partir da atividade humana.

Hipermediações

Há uma nítida migração de algumas das atribuições mais básicas e intrínsecas do trabalho do editor para o leitor e o autor. A atividade de seleção de novos conteúdos passou a ser, em parte, dividida com o público das mídias sociais. No exemplo mais conhecido, o

⁴ Provisoriamente intitulada “*Livros demais, editores de menos!* Os impactos das grandes corporações e das tecnologias digitais no mundo do trabalho, no processo de produção e no discurso do editor”.

livro *Cinquenta tons de cinza*, frequentador das listas de mais vendidos, consagrou-se na Internet antes mesmo de sua autora E.L. James o idealizar como livro. Foi escolhido e compartilhado pelo público como histórias em uma *fan fiction*⁵ e só mais tarde pelos editores, interessados em seu potencial como produto à venda nas livrarias, físicas ou virtuais.

A Internet configura-se como um hiperespaço, dentro do qual circulam diferentes veículos de comunicação, linguagens, leituras, interpretações e modelos de mediações ou *hipermediaciones* (Scolari, 2008). A utilidade da evolução tecnológica dos nossos tempos é incontestável, mas é preciso desmistificá-la. Autores como Raymond Williams, Castells, Scolari e Martin-Barbero são importantes para o desenvolvimento de um olhar mais crítico sobre o papel das tecnologias e seus impactos sobre a vida e a sociedade. Por isso, algumas perguntas são essenciais nesta discussão. O que representam, para o leitor/receptor: (a) o movimento de descentralização do poder de decisão sobre o que será publicado e lido pela sociedade, antes nas mãos do editor e seu papel de *gatekeeper* (selecionador)⁶; (b) o desenvolvimento de modelos de negócios baseados na colaboração e na convergência de papéis (Jenkins, 2009); (c) a apropriação e exploração comercial do conhecimento desses leitores enquanto produtores de conteúdos (escritos, sonoros ou audiovisuais), e (d) o quanto essa produção “participativa” representa em termos de cidadania e politização?

Sem essa reflexão e uma constante vigilância epistemológica, corremos o risco de potencializar em demasia o tecnicismo em detrimento de questões reais: o quanto a tecnologia pode melhorar a vida das pessoas, principalmente no mundo do trabalho, sem aumentar as desigualdades sociais?

Uma coisa é reconhecer o peso decisivo dos processos e das tecnologias de comunicação na transformação da sociedade, outra bem diferente é afirmar aquela enganosa centralidade e suas pretensões de totalização do social.

(...)

A centralidade que, sem dúvida, hoje ocupam as mídias resulta desproporcionada e paradoxal em países com necessidades básicas insatisfeitas na questão da educação ou na da saúde, como os nossos, e nos

⁵ Página na internet que estimula os internautas a escreverem suas próprias histórias baseadas nos livros originais. *50 tons de cinza* começou como uma ficção inspirada na saga *Crepúsculo*.

⁶ Wolf (2008, p. 184, 185) explica que o conceito de *gatekeeper* é elaborado por Kurt Lewin em 1947, em um estudo sobre as dinâmicas interativas nos grupos sociais. Ele identificou a existência de zonas-filtro, que funcionam como “cancela” ou “porteiro”, controladas por *gatekeepers*, um indivíduo ou um grupo com “poder de decidir se deixa passar ou interrompe a informação”. A decisão de publicar algo ou não publicar depende principalmente dos acertos e pareceres entre os profissionais, que estão subordinados a uma cultura de trabalho ou uma política empresarial.

quais o crescimento da desigualdade atomiza nossas sociedades, deteriorando os dispositivos de comunicação, isto é, de coesão política e cultural. (...) Daí que nossas gentes possam com certa facilidade assimilar as imagens da modernização e das mudanças tecnológicas, porem só muito lenta e dolorosamente recompor seus sistemas de valores, de normas éticas e virtudes cívicas. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 222 e 223)

Em tempos de hipermediações, o deslumbramento tecnológico se deve, entre outras questões, ao fato de a Internet restabelecer (pelo aumento da visibilidade) o papel do “sujeito da comunicação como produtor de sentidos, leitor e elaborador de mensagens” (Figaro, 2009, p. 30), defendido desde os anos 1960 pelos pesquisadores dos Estudos Culturais. O sujeito sempre foi produtor e dizer o contrário (que esse papel só cabia às mídias) seria desmerecê-lo, negar a história e reforçar a teoria funcionalista, ainda hegemônica. Mas agora, o potencial de ser visto aumenta pela publicação crescente de conteúdos, principalmente via blogs e redes sociais, fenômeno a que Castells chama de *autocomunicación de masas*.

(...) cualquier cosa que se cuelgue en Internet, con independencia de la intención del autor, se convierte en una botella lanzada al océano de la comunicación global, un mensaje susceptible de ser recibido y reprocesado de formas imprevistas. (CASTELLS, 2009, p. 103)

A Internet promove a mudança no modelo predominante, o tradicional *broadcasting*, da comunicação um-para-muitos para o modelo muitos-para-muitos. Desta forma, o paradigma “publicar” passa a conviver mais fortemente com o “participar” (sem que isso implique em uma efetiva participação política) e a produção individual/institucional se divide com a produção coletiva de conteúdos: *en el hipertexto el hecho de poder pasa del autor al lector* (Landow, apud Scolari, 2008, p. 193).

En la nueva fase la red dejaría de ser considerada una simple vidriera de contenidos más o menos multimedia para convertirse en una plataforma abierta que favorece y promueve la participación de los usuarios. La web 2.0 abandonaría la estaticidade de la vieja web y propondría una práctica más avanzada que el clásico surfing de páginas. (SCOLARI, 2008, p. 194)

Mas se essas mudanças propiciam, por um lado, o entendimento do enunciatário (receptor) como enunciador (produtor), por outro, também significam uma nova forma de apropriação econômica desse modelo pela lógica do capital, cujo caráter de exploração não

está explícito, mas se aproveita do conceito de gratuidade (Anderson, 2009), colaboração e de *web 2.0* (O’Reilly, 2005). É o paradoxo das relações que se dão no capitalismo contemporâneo: o controle é feito pelo estímulo à produção coletiva e à exposição na rede. Desta forma, conhecimento e informações pessoais podem ser convertidos em riqueza.

O modelo muitos-para-muitos e a convergência entre receptor e produtor revelam o sujeito como produtor de mensagens, de história e de cultura, mas não problematizam o conceito de conhecimento (além do universo escolar) como atividade, como trabalho imaterial, passível de ser capturado. Para ter acesso às redes sociais, sites de compartilhamento ou outros serviços aparentemente gratuitos, por exemplo, os usuários cadastram suas informações e preferências pessoais, que depois serão transformadas em mercadoria, produtos de consumo ou bancos de dados comercializáveis. Outro exemplo são as informações antes colhidas por jornalistas e hoje compartilhadas por telespectadores ou ouvintes (o “repórter-cidadão”), como em rádios sobre o trânsito. Sem dúvida há um interesse geral na prestação desse serviço, mas que é motivado por estratégias empresariais.

Raymond Williams (2011) explica que os meios de comunicação, tanto como produtos quanto como meios de produção, estão diretamente subordinados ao desenvolvimento histórico e que o fato do receptor ser também produtor, não significa que tenha se apropriado desses meios de produção e comunicação. O poder de decisão continua nas mãos dos donos dos grandes veículos de comunicação de massa, enquanto o receptor é inserido, de uma outra forma, na lógica do capital.

Para Castells (1999, p. 51), “pela primeira vez na história, a mente humana é uma força direta de produção, não apenas um elemento decisivo no sistema produtivo”.

Nessa linha de análise, o livro eletrônico possibilitou algo inédito ao mercado editorial: a transformação da leitura de um ato solitário e privado em uma atividade mensurável e de caráter quase público, algo que sempre havia colocado as editoras de livros em desvantagem quando comparadas às empresas dos demais segmentos da indústria de entretenimento no quesito conhecimento dos gostos e hábitos do consumidor. De acordo com os dados de uma reportagem de Alexandra Alter⁷, o leitor típico levaria apenas sete horas para ler o último livro da trilogia *Jogos Vorazes* no leitor digital Kobo (cerca de 57 páginas por hora); quase 18.000 leitores que usaram o Kindle (Amazon) para ler o segundo

⁷ Alter, Alexandra. E-books ajudam editoras a entender hábitos do leitor. *The Wall Street Journal*. 04/07/2012. Disponível em: <http://online.wsj.com/article/SB10001424052702303962304577507310009272028.html>. Último acesso: 14/01/2013.

tomo da série de Suzanne Collins marcaram a frase “Porque, às vezes, acontecem coisas com as pessoas com as quais elas não estão preparadas para lidar”; e a primeira coisa que a maioria dos leitores que utilizaram o Nook (Barnes & Noble) faz ao terminar o primeiro volume da trilogia é baixar o segundo.

O armazenamento dos dados gerados pelo Kindle nos servidores da empresa é consentido pelos usuários. As informações incluem a última página lida, além dos marcadores, observações e anotações. Para as editoras é uma importante ferramenta para mapear, entender e controlar a preferência e os usos que o leitor faz do conteúdo adquirido. Para o consumidor, pode ser uma invasão de privacidade, a abertura para que também participe do processo de criação e desenvolvimento de um livro, ou uma forma de trabalho da qual as editoras se apropriam para obter mais lucratividade e da qual o leitor não se dá conta. Para a arte, uma limitação, porque o apego aos dados poderia impedir o escritor de assumir o risco da criação – “risco que produz a grande literatura”.

A editora digital Coliloquy, que vende pelo Kindle, pelo Nook e em leitores com sistema Android, desenvolveu o formato “escolha sua própria aventura” para que o leitor possa alterar personagens e tramas. Engenheiros da empresa consolidam os dados obtidos de seleções feitas por leitores e mandam o resultado para o autor, que pode ajustar, caso queira, a trama dos próximos livros para refletir a opinião do público.

Se por um lado,

a Web 2.0 propõe uma mudança conceitual de autoria, a horizontalização dos saberes e com isso uma necessidade de diálogo e aceitação maior que nos atuais textos, também os critérios de decisão sobre conteúdos estarão nas mãos dos leitores através de votações, de listas de favoritos e isso exige de editores, autores e leitores uma nova atitude. (MUCHERONI, 2012, p. 105)

Por outro,

(...) a tecnologia remete hoje não à novidade de alguns aparelhos, mas a novos modos de percepção e de linguagem, a novas sensibilidades e escritas, à mutação cultural que implica a associação do novo modo de produzir com um **novo modo de comunicar que converte o conhecimento em uma força produtiva direta**. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 228 e 229, grifo nosso)

De acordo com Castells (1999, p. 439), é verdade que os consumidores da Internet também são produtores, pois fornecem conteúdo e dão forma à teia, mas o acesso ainda é desigual e prejudica o padrão da comunicação e da cultura mundiais.

A convergência, contudo, não se esgota na tecnologia, na hibridização dos conceitos de produção e audiência ou nos lugares de fala. Ocorre também com as profissões. Scolari (2008, p. 203) explica que *“desde el momento en que los diferentes operadores se digitalizan, sus perfiles profesionales comienzan a superponerse, creándose zonas de conflicto que se manifiestan de manera evidente en su relación con el mercado”*. O jornalista, por exemplo, começa a usar o computador para editar vídeos, o designer gráfico se aproxima do mundo da edição sonora para experimentar as possibilidades da multimídia e o fotógrafo descobre o programa de ilustração ao usar softwares para retoques de imagens. Essa convergência profissional (Salaverría, apud Scolari, 2008) é caracterizada pelo surgimento de novas profissões, com perfis polivalentes, capazes de lidar com diferentes tecnologias (como o jornalista que escreve, edita, filma ou fotografa e retoca as imagens que ilustrarão a matéria), mídias (desenvolvimento de conteúdos para diferentes linguagens: escrita, áudio, vídeo, gráfica e interativa) e temas (profissionais mais generalistas e menos especialistas). Se a polivalência dá ao profissional uma noção da integralidade do trabalho, de ponta a ponta, também reduz a quantidade de empregos, pois o trabalho antes realizado por duas, três ou até quatro pessoas, hoje é feito por apenas uma. Quando indagamos sobre a extinção ou não do trabalho do editor, é disso que também estamos falando. A profissão, provavelmente, não desaparecerá, mas suas condições de trabalho tendem a se apresentar cada vez mais precárias, com um crescimento da informalidade, flexibilidade e exigência por um profissional “polivalente”.

Scolari entende de maneira dialética essas transformações culturais a partir das inovações tecnológicas, mas não as extrapola para o restante da sociedade como faz Raymond Williams (2011) ao reconhecer que os meios de comunicação são, eles mesmos, meios de produção, e Martin-Barbero (2004), que mostra os reflexos das mudanças tecnológicas para a educação, a sociedade e o mundo do trabalho.

Martin-Barbero cita o chileno Martín Hopenhayn para lembrar um dos objetivos da educação, que além de construir cidadãos e desenvolver sujeitos autônomos deve formar recursos humanos. “A educação não pode virar as costas para as transformações do mundo

do trabalho, dos novos saberes que a produção mobiliza, das novas figuras que recompõem aceleradamente *o campo e o mercado das profissões*” (2004, p. 352).

Após essa breve reflexão sobre o papel das tecnologias da informação e comunicação na sociedade e na produção, edição e publicação de conteúdos, abordaremos o binômio comunicação e trabalho sob o ponto de vista da ergologia (atividade humana) e da linguagem.

Uma análise ergológica do trabalho de editor

Ergologia⁸ é uma abordagem multidisciplinar que estuda as situações de trabalho, buscando entendê-las como atividades singulares nas quais o sujeito (“corpo-si”) se manifesta por inteiro. A explicação é de Yves Schwartz, professor da Universidade de Provence, um dos fundadores e principal teórico do tema. A ergologia nasceu da ergonomia, do marxismo e da filosofia de vida de Georges Canguilhem e não se propõe como uma disciplina, mas como uma abordagem que atravessa diversas áreas do conhecimento para confrontar situações reais de trabalho: as normas e as prescrições que definem como as tarefas devem ser realizadas e o trabalho real, a re-normalização, o modo singular e inédito de cada trabalhador no momento de colocá-las em prática.

De acordo com Schwartz e Durrive (2008), a abordagem ergológica é aquela que, do ponto de vista epistemológico, prioriza o estudo das situações de trabalho a partir da dialética entre os saberes instituídos (norma, prescrição) e os saberes da experiência (inédito da atividade concreta). Nessa perspectiva, a atividade humana guarda sempre algo de inédito, criativo, capaz de renormalizar a norma, fazendo avançar o conhecimento. (FÍGARO, 2010, p. 99).

“Corpo-si” é o sujeito da ergologia. O termo expressa a ideia de que “o corpo nunca está fora de jogo” mesmo nas atividades ditas “intelectuais”, porque compreende também a inteligência, o sistema nervoso, as relações, a história (Schwartz, 2010, p. 143). Além de sociológico e filosófico, o “corpo-si” é também biológico e físico. Físico no sentido histórico, porque o homem traz em seu corpo a memória das mudanças culturais promovidas pelas gerações anteriores. De acordo com Schwartz, sem história, sem cultura,

⁸ “Ergon, do grego, ação, criação, obra de arte, dá dimensão criadora à atividade humana. (...) Atividade é um conceito pouco utilizado e muitas vezes substituído por ação, o que pode levar ao desvirtuamento, reduzindo-o ao ato que tem um início e um fim temporal, bem como finalidade.” FÍGARO (mimeo).

não existiria o “corpo-si”, porque o homem não é apenas um ser de natureza, mas um ser de cultura.

Atividade é outro conceito-chave e traz consigo toda uma tradição: vem da psicologia soviética, em que Vigotski e Léontiev são as referências, passou antes por Marx que, por sua vez, retrabalhou a herança de Hegel e Kant. A atividade comporta a noção de movimento, de continuidade, de transformação e de relação. Para Yves Schwartz é em Kant que se pode encontrar a aproximação do conceito de atividade tal qual ele é utilizado na ergologia, ou seja, a “arte escondida no interior da alma humana”. Fígaro explica que, para Léontiev, a aparição do trabalho é intrínseca à condição de existência do próprio homem. A atividade humana é particular e específica e caracteriza a capacidade humana de criar, planejar, aprender, memorizar.

Em sua apresentação para a obra *A ideologia alemã*, Emir Sader explica que o homem se diferencia dos outros animais por muitas características, mas a primeira, determinante, é a capacidade de trabalho. Enquanto os outros animais apenas recolhem o que encontram na natureza, o homem, ao produzir as condições de sua sobrevivência, a transforma.

A capacidade de trabalho faz com que o homem seja um ser histórico; isto porque cada geração recebe condições de vida e as transmite a gerações futuras, sempre modificadas – para pior ou para melhor. Embora tenha o potencial transformador da realidade, o que o homem mais recusa é trabalhar. Foge do que o tornaria humano porque não se reconhece no que faz, no que produz, no mundo que transforma. Porque trata-se de trabalho alienado. (SADER, in Marx e Engels, 2007, p. 14)

O antídoto para essa alienação é o reconhecimento da atividade real. Para isso, a ergologia defende “o ponto de vista da atividade de mulheres e homens que trabalham”, uma postura de inclusão do trabalhador na busca de soluções e tomada de decisões que afetarão o seu dia a dia.

O desafio de falar sobre o próprio trabalho

O ponto de vista do trabalho exige que o trabalhador (no nosso caso, o editor de livros) fale sobre a sua atividade, os seus modos de fazer e de atuar no dia a dia profissional. Falar sobre a própria atividade não é uma tarefa simples, mas é essencial para trazer à consciência questões internas, enigmáticas e reveladoras do trabalho real.

Reveladoras para o próprio trabalhador, que muitas vezes acredita que o trabalho é realizado de uma forma, mas quando autoconfrontado (assistindo a um vídeo em que foi filmado enquanto trabalhava, por exemplo) descobre um ineditismo, um modo de fazer que ele próprio desconhecia e desenvolve, conseqüentemente, uma postura mais crítica.

Como afirmam Marx e Engels (2010, p. 115), não é necessária uma inteligência excepcional para compreender que, “ao mudarem as condições de vida dos homens, as suas relações sociais, a sua existência social, mudam também as suas representações, as suas concepções, os seus conceitos – numa palavra, a sua consciência”. E essa consciência liberta o “corpo-si” da alienação com a valorização da atividade, do trabalho, expressão máxima da força humana, da criação de valores para a sociedade e de criação e recriação do próprio homem.

Segundo Schaff,

o trabalho é a forma fundamental desta atividade transformadora porque o homem cria em oposição às forças míticas, algo de algo, e não do nada. O trabalho humano *transforma* a realidade objetiva e faz dela, assim, a realidade *humana*, isto é, o resultado do trabalho humano. Enquanto o homem transforma a realidade objetiva – natureza e sociedade – cria as suas condições de existência e se transforma a si próprio como espécie, na conseqüência. O processo da *criação*, do ponto de vista do homem, é, pois, um processo de autocriação. Por conseguinte, graças ao trabalho, nasceu a espécie *Homo sapiens*, que transforma e se altera graças a ele. (SCHAFF, 1967, p. 76)

Observar as situações de trabalho revela as “dramáticas da atividade”, a batalha contínua para se adequar às novas condições (infidelidades do meio) e a partir de que valores as pessoas fazem suas escolhas e se posicionam na sociedade. Isso é importante porque “o mundo do trabalho transborda do seu meio e abarca outros espaços sociais, tais como a casa, o bairro, a mídia etc.” (Fígaro, 2008, p. 129)

O discurso dos editores

Linguagem como trabalho

A linguagem como atividade são as falas dirigidas para si e para o outro, necessárias para a realização do trabalho e para a existência da identidade pessoal dentro e pelo grupo, sobretudo através do tempo. Para Nouroudine (2002, p. 19), “essas falas no trabalho são estratégicas, visto serem voltadas para um objetivo”.

Na linguagem como trabalho também estão incluídos não só as falas ou gestos dirigidos a um grupo envolvido na execução de uma atividade, mas as orientadas a si mesmo e o “mínimo dialógico”, ao qual se refere Bakhtin: expressão de um pensamento ou julgamento no fazer da atividade sem a externalização por palavras. De acordo com Nouroudine, “esse diálogo reflexivo e silencioso revela a presença de uma linguagem operante, mas oculta na complexa e enigmática interseção do pensamento e do gesto”. Nesse caso, sem dúvida, de forma mais aguda do que em outros, “é complicado” falar do trabalho (Schwartz, apud Nouroudine, 2002, p. 20).

Este é um dos principais desafios da nossa pesquisa. Todo trabalho, por mais simples ou manual que seja, envolve um conjunto de tarefas abstratas. No caso do editor, por se caracterizar uma atividade intelectual, o nível de abstração é intensificado. Por que um livro foi selecionado? Como surgiu a ideia de uma determinada capa, por exemplo? Porque ela foi escolhida em detrimento de outra? Quais critérios, saberes e valores orientam o trabalho com o texto? Como esse editor lida com as pressões que o obriga a terceirizar a essência da sua atividade, como a leitura, a análise e a tomada de decisão sobre a qualidade ou não dos originais que recebe?

No exame das situações de trabalho, não se analisa a linguagem unicamente como discurso pré e/ou pós-experiência, mas, sobretudo, como parte da atividade em que constituintes fisiológicos, cognitivos, subjetivo, social etc., se cruzam em um complexo que se torna ele próprio uma marca distintiva de uma experiência específica em relação a outras. (NOUROUDINE, 2002, p. 21-2)

Ainda segundo Nouroudine, falar do trabalho que se executa em silêncio significa expor o esforço de verbalização *a posteriori* a aproximações inevitáveis que são os reflexos da aproximação no desenrolar de toda a experiência. Ao pesquisador, cabe utilizar as técnicas adequadas de coleta de dados para captar as falas e os significados (do dito e do não dito).

Significado, muitas vezes, não é unicamente o que é dito explicitamente. Para Oliveira e Oliveira (in Brandão, 1981, p. 30), a maneira de dizer, as inflexões, as hesitações, as pausas e os silêncios dizem muita coisa. “Os fragmentos de discurso, o ‘não-dito’ e o ‘mal-dito’ – por medo, por pudor, por desconfiança ou porque dizê-lo seria doloroso demais – são tão ou mais importantes quanto as respostas superficiais.”

Linguagem *sobre* o trabalho

As falas dos editores sobre o trabalho, em uma primeira análise, parecem ser a forma mais simples de ser capturada. Mas a abordagem e a análise do discurso desses trabalhadores, o que escondem e o que revelam, exigem o conhecimento e entendimento do pesquisador do lugar de fala de cada um deles e quais mediações atuam no processo comunicativo do ambiente em que esses sujeitos estão inseridos: o contexto histórico, suas origens, formação, sob quais influências suas escolhas são tomadas e o perfil do grupo do qual faz parte. “O lugar atua fortemente na formação do seu ponto de vista, dando sentido às coisas do mundo” (Fígaro, 2001, p. 163).

De acordo com Brandão, esse sujeito marcado pela historicidade não é o sujeito abstrato da gramática, mas um sujeito situado no contexto sócio-histórico de uma comunidade, num tempo e espaço concretos.

É um sujeito interpelado pela ideologia, sua fala reflete os valores, as crenças de um grupo social. Não é único, mas divide o espaço de seu discurso com o outro, na medida em que, na atividade enunciativa, orienta, planeja, ajusta sua fala tendo em vista um interlocutor real, e também porque dialoga com a fala de outros sujeitos, de outros momentos históricos, em um nível interdiscursivo. (BRANDÃO, 2012, p. 26)

Como afirma Bakhtin (1988, p. 36 e 37), a linguagem é material ideológico de análise e objeto privilegiado de estudo na área da Comunicação, tendo em vista a constituição ou a aquisição de sentidos se dar, através da linguagem, no processo de interação social.

Nesse sentido, é interessante analisar o conceito de **editor** no cotidiano de trabalho e como a palavra se configura como um terreno de disputas entre os profissionais que desempenham a mesma função. Nesta fase inicial de nossa pesquisa empírica, conversamos com alguns profissionais da unidade de São Paulo de uma grande editora. Entre eles, há quase um consenso de que o editor ideal conhece na prática (e não só na teoria) todas as etapas que envolvem a produção de um livro – conceito muito próximo ao de Chartier, para quem o editor é o “coordenador de todas as possíveis seleções que levam um texto a se transformar em livro, e tal livro em mercadoria intelectual, e esta mercadoria intelectual em um objeto difundido, recebido e lido” (2001, p. 48). Um dos editores da equipe, bastante crítico e descrente sobre até que ponto esse profissional com perfil mais executivo é realmente editor, se orgulha de ter começado a carreira na área como revisor. Ou seja, é

alguém que conhece na prática, pelos “saberes da experiência” (uma das três propriedades intrínsecas à atividade de trabalho e também reveladora dos “valores” desse profissional, de primazia com a qualidade do conteúdo), todas as etapas essenciais para a formação de um “verdadeiro editor”, que, além do conhecimento de mercado, tem sólida formação intelectual e condições para conceber um projeto editorial, entende profundamente de língua portuguesa, editoração, papel e gráfica (e agora terá de entender também de tecnologias e livros digitais). Categoricamente, ele afirma: “quem não passou por esse processo, não é editor”.

É um exemplo de linguagem sobre o trabalho, ao mesmo tempo legitimadora da importância e da essência do trabalho do editor, reveladora da complexidade desse trabalho e uma arena de disputas (Bakhtin) entre os diferentes perfis de editores dentro de uma mesma empresa (o “executivo-editor”, para quem os números são mais importantes que a qualidade de suas publicações, e o “empresário-editor”, o editor por excelência, responsável por uma linha editorial sólida e equilibrada entre interesses econômicos e culturais).

A linguagem não é usada apenas para transitar informações, mas, e sobretudo, para firmar interesses, estabelecer níveis de dominação, fazendo do mundo dos signos uma arena onde são travadas as mesmas batalhas encontradas no mundo dos homens (Baccega e Citelli, 1989, p. 29).

Linguagem *no* trabalho

De acordo com Nouroudine, falar sobre assuntos não diretamente ligados à atividade, como conversas cotidianas, aparentemente inúteis para a produtividade, é essencial para o estabelecimento de relacionamentos que depois vão viabilizar tarefas que necessitem da colaboração ou da intervenção do outro.

(...) nem toda palavra, gesto, escrita, ou imagem encontradas no trabalho será necessariamente útil à realização imediata da atividade exercida pelo coletivo de trabalho de um determinado serviço. A linguagem no trabalho pode veicular conteúdos de natureza variada e, às vezes, muito distanciada da atividade executada pelos atores em seu coletivo. Conversar sobre a vida pessoal de um ou de outro, sobre problemas da política atual, fazer observações sobre as ferramentas empregadas no setor vizinho ou na empresa concorrente, comentar o jogo de futebol da véspera etc. – todos esses assuntos fazem parte da linguagem no trabalho, uma vez que favorecem trocas na situação de trabalho. (NOUROUDINE, 2002, p. 24)

As falas coletadas nas próximas etapas desta pesquisa serão analisadas de acordo com a metodologia do dispositivo dinâmico em três pólos, de Yves Schwartz. Na explicação de Fígaro (2008, p. 132): o eixo A, que são as normas, prescrições e discursos da organização, é confrontado com o eixo B, o saber investido pelos sujeitos em sua atividade de trabalho, dando, por sua vez, origem ao eixo C, a re-normalização (questionamento de como fazer melhor a sua atividade em benefício da vida, da saúde física, mental e emocional, e do viver bem em conjunto).

Diante desses desafios, nos propomos à busca pelo entendimento da realidade do editor de livros com lentes capazes de focar o problema sem o aumentar, mas também sem o obscurecer. A análise do mundo do trabalho desse profissional como atividade linguageira e a partir da perspectiva ergológica pode contribuir para as reflexões em torno das questões cotidianas e das condições que o leva a uma atuação mais próxima à de um executivo, na qual tarefas burocráticas, números e cifras o afastam da essência de sua atividade editorial.

Referências

- BACCEGA, Maria A. e CITELLI, Adilson O. Retórica da Manipulação: os Sem-Terra nos jornais, in *Revista Comunicações e Artes*, São Paulo, ECA-USP, 1989, p. 29.
- BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BRANDÃO, Helena N. I – Conceitos e fundamentos. Enunciação e construção de sentido. In FÍGARO, Roseli (org.). *Comunicação e análise do discurso*. São Paulo, Contexto: 2012.
- CASTELLS, Manuel. *Comunicación y poder*. Madrid: Alianza, 2009.
- _____. *A sociedade em rede*, 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. I.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1998.
- _____. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FÍGARO, Roseli. Atividade de comunicação e trabalho. *Revista Trabalho, Educação e Saúde*. Fiocruz, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2008.
- _____. Comunicação e trabalho para mudanças na perspectiva sociotécnica. *Revista USP*, São Paulo, n.86, p. 96-107, junho/agosto 2010.
- _____. A abordagem ergológica e o mundo do trabalho dos comunicadores. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 9, supl. 1, p. 285-297, 2011.
- JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. *Ofício de cartógrafo*. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.
- MARX; ENGELS. *A ideologia alemã*. Textos escolhidos. São Paulo: Boitempo, 2007.
- _____. *Cultura, arte e literatura*. Textos escolhidos. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MUCHERONI, M. L. Autoria, Movimentos Atuais de Publicações e a Web 2.0. In: Población, Dinah A.; Witter, Geraldina P.; Ramos, Lúcia S.V.C.; Funaro, V.M.B.O. (Org.). *Revistas Científicas dos Processos Tradicionais às Perspectivas Alternativas de Comunicação*. 1. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2012, v. 1, p. 91-107.

NOUROUDINE, Abdallah. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA E SILVA, M. Cecília P., FAÏTA, Daniel (orgs.). *Linguagem e trabalho*. Construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo: Corteza, 2002.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de e OLIVEIRA Miguel Darcy de. Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la. In. BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

O'REILLY, T. *What is Web 2.0 – Design patterns and business. Models for the next generation of software*, 2005. Disponível em: <http://goo.gl/jjiHI>. Último acesso: 15/01/2013.

SCHWARTZ, Yves. Entrevista Yves Schwartz. *Revista Trabalho, Educação, Saúde*. Fiocruz, v. 4, n. 2, 2006.

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, L. *Trabalho & Ergologia: Conversas sobre a atividade humana*. 2. ed. Niterói: Editora da UFF, 2010.

SCOLARI, Carlos. *Hipermediaciones*. Elementos para uma teoria de la comunicación digital interactiva. Barcelona: Gedisa, 2008.

SCHAFF, Adam. *O marxismo e o indivíduo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. [1980] São Paulo: EdUnesp, 2011.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.